

Victoria G. Lidchi

O processo de entrevistar em casos de abuso e maus-tratos. Parte II: avaliando famílias

➤ INTRODUÇÃO

A avaliação do contexto familiar de uma criança ou de um adolescente que sofreu abuso ou maus-tratos por parte de um membro da família ou de um estranho pode ajudar o profissional de saúde a tomar importantes decisões. A informação obtida através de uma boa apreciação ajudará também aos profissionais do Conselho Tutelar e do Sistema Judicial, que finalizarão as providências para suprir as necessidades da criança ou do adolescente. Eles irão indicar, inclusive, quem será o responsável pelo seu bem-estar e de sua família, e, ainda, quais profissionais de saúde e de saúde mental se encarregarão do tratamento e do acompanhamento.

Sem uma avaliação será impossível responder a perguntas importantes sobre qualidade das relações familiares, apego entre os membros da família e percepção dos pais no tocante ao impacto do abuso em seus filhos e às suas necessidades. Além disso, sem a avaliação inicial será impossível determinar se houve ou não mudanças familiares depois da intervenção recomendada pelas autoridades e saber se é recomendável que a criança ou o adolescente permaneça no convívio de sua família.

O formato das entrevistas, as técnicas utilizadas e os detalhes obtidos durante a avaliação podem variar. Isso depende se o processo de avaliação é parte de investigação ou perícia para se obter provas, ou se a meta mais importante é avaliar a

família e tomar decisões sobre como assegurar o futuro bem-estar da criança ou do adolescente. Este artigo pretende descrever as relações familiares de alto risco, assim como detalhar alguns aspectos e temas que ajudarão o profissional de saúde na estruturação de uma entrevista com famílias em que:

- há suspeita de que ocorrem maus-tratos;
- existe a preocupação com o bem-estar de uma criança ou um adolescente.

ANÁLISE DA FAMÍLIA ◀

• *A família como unidade*

Nos últimos 20 anos, o pensamento sistêmico que fundamenta a terapia familiar ajudou bastante na compreensão do funcionamento de famílias que abusam e maltratam, os ciclos de violência e as dinâmicas nas redes profissionais responsáveis pela segurança de crianças e adolescentes dentro dessas famílias.

A perspectiva sistêmica reconhece a família como uma unidade de funcionamento maior que a soma das partes individuais, ou seja, um organismo⁽¹⁾, que tem seu ciclo vital⁽²⁾. A literatura sistêmica é ampla e existem descrições de famílias em termos de características, dinâmicas e funções.

Conceitos importantes para avaliar famílias incluem padrões de interação, hierarquias e subsistemas, assim como espaços e limites, ligações afetivas e conexões entre diferentes membros e diversas idades. A família é responsável tanto pelos aspectos de cuidado e desenvolvimento de seus membros, no âmbito interno, como pelos aspectos voltados para adaptação à sociedade e continuidade da sua cultura.

Psicóloga clínica; terapeuta familiar e mediadora (áreas de especialização incluem maus-tratos e abuso sexual, pediatria e saúde pública); membro do Conselho Executivo da International Society for the Prevention of Child Abuse and Neglect (ISPCAN); coordenadora do International Training Project of ISPCAN (ITPI), Centro de Estudos Integrados da Infância, Adolescência e Saúde (CEIIAS) no Brasil.

Uma das funções essenciais da família é a criação dos filhos, desde o nascimento até se tornarem independentes, dando apoio e proteção a cada um de seus membros.

A *família funcional* é aquela percebida como sendo predominantemente afetuosa, com boa comunicação, coesa e com regras flexíveis, mas limites e fronteiras claramente determinados, dando aos seus membros os recursos necessários ao crescimento individual e o apoio diante de dificuldades da vida ou doenças intercorrentes. O equilíbrio entre proteção e autonomia oferecido pela família irá desenvolver, em crianças e adolescentes, a confiança básica necessária à organização de seu comportamento e à integração de sua auto-estima.

• **Famílias de alto risco: pais vítimas de maus-tratos e dinâmicas familiares**

Nas famílias chamadas de alto risco, muitas vezes existem problemas de apego e comunicação, havendo falta de sensibilidade até para as necessidades dos filhos de diferentes idades. As expectativas dos pais, referentes às responsabilidades e aos comportamentos em geral, não são apropriadas às crianças e aos adolescentes. Pais que maltratam podem ter sofrido falta de cuidados ou maus-tratos durante a infância. Não tiveram modelos adequados para ajudá-los a desenvolver as técnicas para o trabalho de serem pais. Os pais vítimas de maus-tratos e que repetem o ciclo de violência e abuso podem mostrar comportamentos e pensamentos rígidos e inflexíveis. Muitas vezes, eles têm baixa auto-estima e ausência de empatia e confiança nos demais. Os conflitos sobre cuidados e controles que se desenvolveram durante sua infância ou adolescência podem persistir até a fase adulta, caso não recebam ajuda ou apoio de profissionais de saúde ou de pessoas queridas e de confiança.

Na ausência desse apoio, adultos que foram maltratados podem formar relações de dependência, ficando muito afetados pela experiência da perda. Experimentam vários conflitos nas relações íntimas, que são produtos de apegos inseguros desenvolvidos durante a infância, resultando em relações instáveis na fase adulta. Se também tiveram infâncias difíceis e as idealizaram, é provável

que não entendam o impacto dessas experiências sobre suas relações interpessoais, em particular com os seus filhos. As estruturas das famílias que formam podem ter limites e fronteiras rígidas ou difusas e que dificultam a comunicação entre o atual subsistema de pais e filhos.

As *famílias incestuosas* têm sido descritas como rígidas e patriarcais, mantidas por uma união frágil. Os pais de família são dominantes, isto é, são pessoas que utilizam a força sobre as mulheres. Em função das posições fracas das mulheres e das mães protetoras, as filhas encontram-se em posições vulneráveis. Outras descrições dessas famílias retratam limites confusos entre os subsistemas dos pais e dos filhos. Homens fracos, dominados pelas suas esposas, voltam-se ao encontro de suas filhas numa tentativa de achar uma parceira do mesmo nível emocional, especialmente se a esposa se negar a ter relações sexuais com ele.

Os pais podem buscar o conforto e a segurança que não receberam nas relações com seus filhos. As crianças e os adolescentes que não cumprem as expectativas de dar carinho, quando assim solicitados, são então castigados, às vezes severamente. As necessidades normais de crianças que querem sempre a atenção e o cuidado podem provocar uma reação de raiva e frustração, porque o pai é incapaz de dar o que nunca recebeu.

Assuntos de disciplina são vistos como um conflito sobre controle, não como uma questão de impor limites num ser imaturo e dependente para educá-lo. Essas distorções de percepção podem ser também resultado da falta de entendimento e/ou conhecimento do desenvolvimento das crianças ou da preocupação com suas necessidades insatisfeitas, porque não tiveram um contexto familiar que lhes tenha facilitado essa aprendizagem. O resultado é o mesmo: a família não cumpre suas funções básicas de dar cuidado, segurança, apoio e educação aos filhos, e, assim, aparecem os vários tipos de maus-tratos e negligência.

O abuso e os maus-tratos infantis ocorrem em todas as faixas sociais, mas as circunstâncias de pobreza, moradias inadequadas, saúde e educação péssimas são os fatores de risco para alguns tipos de abuso – em especial, casos de abuso físico e negligência. Nesse contexto é preciso identificar a responsabili-

de das autoridades e da sociedade para ajudar as famílias que vivem em extrema pobreza – situação vista como um *abuso social familiar* – a criar um melhor ambiente para seus filhos. Será muito difícil essas famílias mudarem sozinhas, sem apoio de recursos materiais e econômicos.

Outros fatores de risco incluem famílias em que existem problemas de drogas e álcool ou que se encontram isoladas e sem apoio de serviços ou dos demais familiares. Às vezes, as famílias não utilizam o apoio comunitário ou as redes de apoio disponíveis por falta de informação ou por outros motivos como, por exemplo, problemas de saúde mental, que deverão ser identificados durante a avaliação.

Finalmente, é importante lembrar que os conceitos e as descrições elaborados aqui servem para ajudar o profissional a entender as dinâmicas e os processos dentro de uma unidade familiar. Não deveriam ser utilizados para estigmatizar famílias, e sim fazer observações pertinentes para ajudá-las.

A melhor maneira de promover o bem-estar de crianças e adolescentes é, num primeiro instante, comunicar o desejo de trabalhar junto aos membros da família, para identificar os serviços de apoio, terapia e ajuda necessários e assim lhes melhorar os cuidados de saúde. Os adultos que maltratam por terem tido a experiência de maus-tratos e outras desvantagens podem, com ajuda de serviços adequados, desenvolver outros padrões de interação como alternativas aos padrões abusivos.

Uma meta importante da avaliação é diferenciar a minoria dos *adultos sociopatas ou psicopatas* que desenvolvem relações de exploração superficiais e violentas, atacando sem sentimentos de culpa ou empatia, e que não mudam os comportamentos e as condutas sociais. Cabe ao profissional determinar a capacidade de mudança do pai não-sociopata ou psicopata e as condições necessárias para que essas alterações possam ocorrer.

> TÉCNICAS E TEMAS IMPORTANTES

Antes de começar qualquer avaliação, o profissional deveria explicar claramente as metas de seu trabalho e verificar se a família consegue compre-

der o que ele está propondo, para se evitar qualquer problema mais adiante. A necessidade de obter dados utilizando uma variedade de técnicas vem da natureza complexa dos problemas que envolvem os casos de abuso e maus-tratos infanto-juvenis, que são sempre suscetíveis ao diagnóstico errado. As técnicas de avaliação incluem observações em diferentes contextos dos padrões de interação entre os membros da família e entrevistas semi-estruturadas com familiares que complementarão as que aconteceram com os filhos. Hoje em dia há uma utilização mais freqüente de instrumentos estandardizados, como o Family Environment Scale (FES)⁽³⁾ e a Family Adaptability and Cohesion Scale III (FACES)⁽⁴⁾, para avaliar as características das famílias.

• Técnicas de avaliação

Em função da complexidade das dinâmicas familiares, pode ser útil, às vezes, desenhar a estrutura da família. Existem diferentes técnicas, mas uma das mais utilizadas é o genograma (**Figura**).

O genograma é a delineação de uma árvore familiar, normalmente descrevendo as características de cada pessoa até três gerações para:

- situar o problema atual em um contexto histórico;
- clarificar padrões intergeracionais, como, por exemplo, de violência, descuido ou abuso sexual;
- explorar os mitos e as crenças;

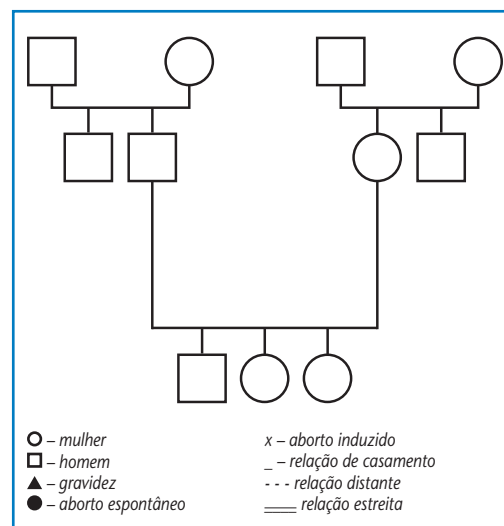


Figura – Genograma e alguns símbolos⁽²⁾

– ajudar a entender a complexidade da família, as repetições de padrões de comportamento e os mitos e as lendas que sustentam esses padrões entre as gerações.

• **Temas da avaliação**

A identificação dos padrões de comportamentos dentro de famílias de alto risco e as dificuldades dos pais ajudam a determinar onde existem problemas. Os temas relacionados aos comportamentos dos pais reconhecidos como importantes para a avaliação⁽⁵⁾ incluem:

- Análise dos conhecimentos e de suas atitudes com o trabalho de ser pai – freqüentemente o pai tem expectativas pouco realistas das habilidades de seus filhos.
- Percepções e interpretações dos comportamentos de seus filhos – muitas vezes comportamentos normais (um choro, uma queixa ou uma disputa sobre limites) estão sendo interpretados de maneira negativa (como se a criança ou o adolescente quisesse machucar o adulto).
- Emoções e comportamentos frente ao estresse – se existe violência doméstica, um pai ou uma mãe podem ser negligentes, descuidarem-se dos menores por serem traumatizado(a)s e se dissociarem, demonstrando sintomas de estresse pós-traumático. Existem também pesquisas sobre violência física que indicam que pais que maltratam menores se irritam mais e sentem mais desconforto frente às emoções das crianças.
- Estilo de relacionamento entre pais e filhos – se existe afeição, interesse, medo, raiva ou se um pai identifica seu filho com um parente não-querido.
- Qualidade do apego – entrevistas e observações são necessárias para determinar se um ato de violência de um adolescente em relação à sua mãe é um distúrbio de comportamento que está relacionado com a falta de limites ou de modelos violentos dentro da família ou com um apego violento resultando de uma história relacional difícil entre eles de longa duração.
- Qualidade do trabalho de ser pai – detalhes e observações relacionados aos temas a seguir podem ajudar o profissional de saúde a entender a experiência de ser pai ou mãe para um adulto, como

seu cuidado está relacionado à sua própria história familiar e à capacidade de mudanças⁽⁶⁾.

A seguir, as perguntas relacionadas com cada tema são exemplos para orientar a informação que o profissional precisa tirar de relatórios prévios de outros, entrevistas e observações que vai fazer mas que não devem ser dirigidas diretamente à família, e sim adaptadas à compreensão de seus membros.

• **Relação dos pais com seu papel**

- O pai e a mãe se prestam a dar os cuidados físicos básicos de higiene, saúde e nutrição?
- O pai e a mãe se prestam a dar os cuidados emocionais adequados no nível de desenvolvimento da criança ou do adolescente? Existe a superproteção ou não há proteção suficiente?
- Que atitude o pai e a mãe demonstram diante das tarefas de cuidar de uma criança ou um adolescente?
- O pai e a mãe entendem e aceitam a responsabilidade de ser pai/mãe?
- Quem é responsável pela segurança dos filhos? Os pais ou os próprios filhos?
- Se há problemas relacionados ao cuidado e à segurança, o pai e/ou a mãe estão conscientes disso?

• **Relação dos pais com a criança**

- Que emoções e sentimentos os pais demonstram diante da criança ou do adolescente?
- Os pais têm empatia pela criança ou pelo adolescente?
- A criança e/ou o adolescente são vistos como um ser separado? Ou existe falta de limites e de respeito?
- As necessidades dos filhos são vistas como mais importantes do que os desejos dos pais?

• **Influência da família**

- Que nível de consciência e entendimento os pais têm do impacto de sua história familiar sobre o cuidado com seus filhos? Idealizam sua infância?
- Os pais podem manter uma relação de boa qualidade com uma pessoa que os apóia?
- A criança ou o adolescente estão muito envolvidos na relação disfuncional dos pais? Estão sendo utilizados em um processo de chantagem?

– Qual o impacto do estresse na relação dos pais? Isso resulta ou resultou em comportamento violento e negligência?

– Qual o significado da criança ou do adolescente para os pais? É visto negativamente porque foi indesejado ou é filho de um pai não-querido?

– Quais as características da criança ou do adolescente que resultam no difícil trabalho de cuidá-lo? Necessidades especiais, doença, dificuldades de aprendizagem, etc.?

– Qual a atitude do(a) filho(a) frente a seus pais? Agressivo, resiste à imposição de limites, passivo, parece ter medo, etc.?

• *Interações com o mundo*

– Que redes e relações sociais de apoio existem? Familiares ou na comunidade? A família parece se isolar?

– Como se comportam os familiares com os profissionais de saúde agora e no passado? Há possibilidade de colaboração?

• *Potencial de mudança*

– Houve alguma intervenção prévia na família? Quais as reações dos pais quando receberam ajuda anteriormente?

– Houve seguimento? Qual o resultado?

– Qual seria o impacto de uma intervenção terapêutica agora?

CONCLUSÕES

Este artigo descreve brevemente alguns aspectos importantes de uma avaliação feita com uma família de alto risco, suspeita de maltratar uma criança ou um adolescente. As interações descritas podem informar sobre as observações feitas durante o processo de avaliação clínica e terapêutica. Os temas e as perguntas podem estruturar uma entrevista que ajudará a compreender os conhecimentos dos pais sobre as necessidades de seus filhos, a maneira como eles os tratam, suas atitudes e emoções, assim como os aspectos vulneráveis do sistema familiar.

Utilizando essa informação com outros detalhes sobre o contexto comunitário e social da família e sobre o seu relacionamento anterior com serviços de saúde e profissionais envolvidos nos seus cuidados, é possível ter uma idéia preliminar de se haverá, ou não, a possibilidade de mudar o contexto familiar para promover o bem-estar dos filhos e das crianças e dos adolescentes que procuram ajuda no sistema de saúde em casos de maus-tratos e abusos.

REFERÊNCIAS

1. Minuchin S. Families and family therapy. London: Tavistock; 1974.
2. Carter B, MacGoldrich M. As mudanças no ciclo de vida familiar. Porto Alegre: Artes e Médicas Sul Ltd; 1995.
3. Moos RH, Moos BS. Family environment scale. Palo Alto (CA): Consulting Psychologist Press; 1986.
4. Olson DH. Circumplex Model VII: validation studies and FACES III. Family Process 1986; 26: 337-51.
5. Brown K, Herbert H. Preventing family violence. New York: John Wiley and Sons; 1997.
6. Reder P, Lucey C. Assessment of parenting: psychiatric and psychological contributions. London: Routledge; 1995.
7. CEIIAS/ISPCAN. CD sobre abusos, maus-tratos e proteção de crianças e adolescentes, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: www.ceiiias.org.br.